

SABERES DA VIDA: práticas camponesas na comunidade de Curral Novo, município de Caturama (BA)

DAIANA SILVA MARQUES
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

JAQUELINE SILVA PORTELA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

ALINE FARIAS FIALHO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Resumo: Este estudo tem como objetivo problematizar os saberes camponeses que estão associados às práticas cotidianas desses sujeitos em sua vivência no campo. Para leitura dessa realidade e discussão teórica, adotou-se as concepções de autores que tratam o campesinato como classe social em que seus saberes estão intrínsecos ao seu modo de vida. Além da base bibliográfica, também foi realizada a busca de dados secundários para embasamento sobre o município de Caturama, assim como a pesquisa de campo em se tratando da realidade materializada dos saberes camponeses. O trabalho de campo foi realizado na comunidade de Curral Novo, município de Caturama (BA), em que 25 famílias foram entrevistadas. O método de análise tem como base a dialética que evidencia as contradições no campo, ao passo que os saberes camponeses se reproduzem em meio às estratégias capitalistas. O resultado demonstra que os conhecimentos camponeses são reproduzidos pelos camponeses de Curral Novo em suas diferentes idades e em diversas práticas realizadas no dia a dia no campo. À margem dos conhecimentos científicos e tecnológicos que servem à expansão do capitalismo no campo, os saberes dos camponeses resistem e reproduzem como espaços sociais e culturais de vivências contrárias à lógica capitalista da sociedade moderna.

5472

Palavras-chave: Reprodução camponesa. Saberes camponeses. Vivências no campo.

Abstract: This study aims to problematize the peasant knowledge that is associated with the daily practices of these subjects in their experience in the countryside. To read this reality and theoretical discussion, we adopted the conceptions of authors who treat the peasantry as a social class in which their knowledge is intrinsic to their way of life. In addition to the bibliographic base, a search for secondary data was also carried out to support the municipality of Caturama, as well as field research regarding the materialized reality of peasant knowledge. The fieldwork was carried out in the community of Curral Novo, municipality of Caturama (BA), where 25 families were interviewed. The method of analysis is based on dialectics that highlights the contradictions in the countryside, while peasant knowledge is reproduced amidst capitalist strategies. The result demonstrates that peasant knowledge is reproduced by the peasants of Curral Novo at different ages and in different practices carried out on a daily basis in the field. Apart from scientific and technological knowledge that serves the expansion of capitalism in the countryside, peasant knowledge resists and reproduces itself as social and cultural spaces of experiences contrary to the capitalist logic of modern society.

Keywords: Peasant reproduction. Peasant knowledge. Experiences in the field.

Introdução

O presente artigo é uma reflexão sobre os saberes camponeses em suas práticas sociais e de produção no campo dos camponeses de Caturama (BA), em específico, da comunidade de Curral Novo. Essa pesquisa encontra-se em andamento no trabalho de monografia, o qual amplia a discussão para a reprodução dessa classe em meio às contradições das relações capitalistas. Compactuamos com a teoria de que o campesinato é criado e recriado pelo sistema capitalista, ao mesmo tempo que ocorre a expansão do capital, em um processo contraditório, como pontuado por Oliveira (2007b). Da mesma forma, os saberes dos camponeses são reproduzidos, passado de geração para geração, implicados nas experiências desses sujeitos com a vida na terra.

Essa pesquisa conta com o levantamento bibliográfico sobre o campesinato como classe social e modo de vida, apresentando como os saberes implicados a essa lógica camponesa se reproduzem e resistem frente às formas modernas de produção e socialização do sistema capitalista. Também, utiliza de dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o município de Caturama. Além disso, foi realizada a pesquisa de campo na comunidade de Curral Novo para coleta de informações sobre a rotina e saberes dos camponeses no uso da terra e na produção agrícola.

Essa comunidade estudada pertence ao município de Caturama, Bahia, inserida na mesorregião Centro Sul Baiano. Tendo em vista que a população caturamense, em sua grande maioria, situa-se na zona rural, 6.469 pessoas, enquanto a população urbana corresponde a 2.374, (IBGE, 2010), busca-se entender como as relações se dão no campo ao passo que há a reprodução do modo de vida camponesa e de seus saberes. E a comunidade de Curral Novo foi objeto empírico desta pesquisa, contando com a participação de 25 famílias para entrevista em que foi possível identificar elementos da sabedoria tradicional dessa classe. Os depoimentos dos camponeses descritos neste artigo asseguram o anonimato dos entrevistados, utilizando nomes fictícios para identificar o relato de cada um deles.

Através dessa pesquisa foi possível apreender os saberes da vida dos camponeses adquiridos ao longo da vida por meio da vivência no campo. Com isso, ressaltamos que o conhecimento não é disseminado somente nas instituições de ensino, mas também nos diferentes ambientes de socialização em que os sujeitos se encontram inseridos. E a sabedoria camponesa é expressa de forma particular de sua classe, mas não foge às determinações

científicas, apenas são expressas de forma distinta, inerentes ao fazer-se da lógica camponesa. Por isso, a importância do estudo das resistências e reprodução desse conhecimento.

Em meio às dificuldades no campo, os saberes camponeses resistem e se reproduzem

A história do campesinato no Brasil é marcada por lutas e resistência. O termo campesinato e camponês, adotado no território brasileiro a partir da década de 1950 pela luta política dos trabalhadores rurais pelos seus direitos, ganha força em escala nacional, contra as relações capitalistas que se expandem e intensificam as desigualdades de classe (Martins, 1986). Com isso, o campesinato no país se desenvolve “no seio de uma sociedade situada na periferia do capitalismo e à margem do latifúndio escravista” (Marques, 2008, p. 60).

Como destaca Germani (2006), o processo de apropriação de terras pelos portugueses dá início a um intenso movimento de disputas e conflitos. Inicialmente, a posse da terra era assegurada pela Lei das Sesmarias em que os donatários tinham como função produzir nesse território. Frente às dinâmicas conflituosas de posse da terra que se intensificam no espaço agrário brasileiro, houve a necessidade de mudar a lei que possibilita o acesso à terra. E, em 1885, é aprovada a Lei de Terras que determinava o acesso à terra legalmente apenas pela compra. Nesse contexto, segundo Martins (1986), a terra passa a ser mercadoria o que, por vezes, torna-se uma forma de bloqueio para a classe social que não possuía poder de compra, acentuando a desigualdade de classes.

O campesinato, enquanto classe social, tem em sua história a marca da luta pela terra e na terra. O camponês é um sujeito histórico, diverso (camponês arrendatário, posseiro, proprietário, etc.) e com organização social e política em prol de reproduzir seu modo de vida com dignidade (Marques, 2008). Shanin (2005) também destaca o campesinato como classe social, não pelo conceito abstrato em si, mas pelo agir político desse grupo, apresentando consciência coletiva de classe.

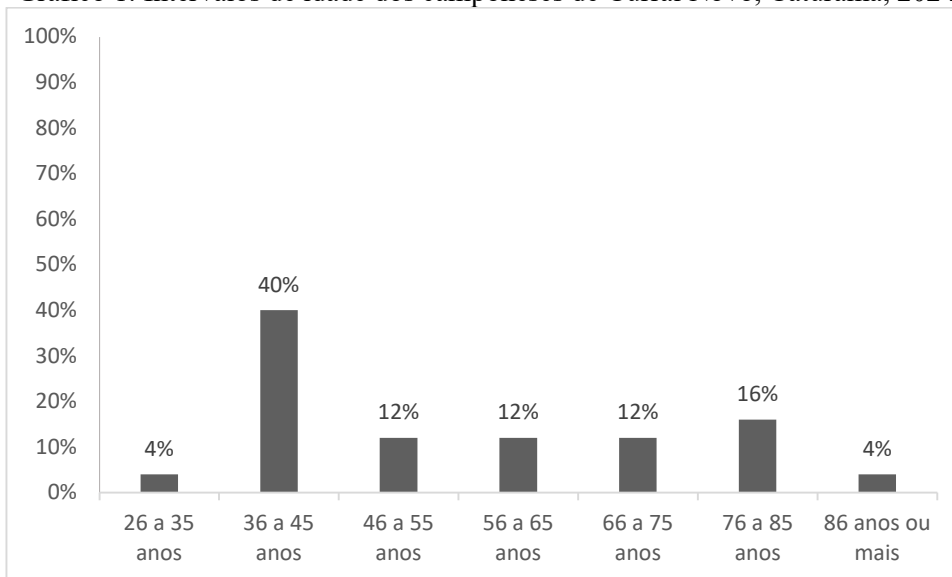
A breve retomada histórica do campesinato no Brasil é necessária para pontuar as adversidades ocorridas e entender como se deu esse processo. A subordinação do camponês nos dias de hoje é resultado da intensificação e expansão das relações capitalistas em sua corrida para a acumulação. Não dá para analisar os camponeses sem considerar suas especificidades no tempo e no espaço. As relações são complexas. E a realidade concreta exige um olhar dialético para compreensão dessa complexidade.

Os saberes camponeses remontam às vivências camponesas. Como afirmado por Oliveira (2008, p. 57), “a produção do conhecimento é cumulativa e acontece na prática cotidiana com o trabalho da terra. Uma prática social plena de espacialidade”. Ainda que esteja interligado ao mercado e a sociedade capitalista, reproduzindo, contraditoriamente, algumas relações, o camponês reproduz uma lógica particular de modo de vida, cultura e produção que não se perdeu no tempo e no espaço.

Não se deve fazer uma leitura analítica dos camponeses como homogêneos. Ainda que pertença a uma classe social, suas particularidades devem ser apreendidas, visto que a generalização não dá conta de explicar as diversidades em sua concretude. Shanin (2005) chama atenção para o perigo de qualificar ou classificar os camponeses de forma genérica, perdendo a essencialidade de cada sujeito em seu contexto histórico, social e espacial.

No gráfico 1 é exposto o intervalo de idade dos camponeses da comunidade pesquisada, com diferentes faixas etárias, como pode ser observado a seguir.

Gráfico 1: Intervalos de idade dos camponeses de Curral Novo, Caturama, 2024



Fonte: Trabalho de campo, fev. de 2024

Na comunidade, há famílias constituídas recentemente, como a porcentagem de 4% correspondente a um sujeito com idade de 26 anos, bem como famílias consolidadas em que os filhos casaram e construíram família, deixando a casa dos pais. A maioria dos camponeses entrevistados, dez sujeitos no total, possuíam idade entre 36 e 45 anos. No intervalo de 46 a 55 anos foram três camponeses, assim como entre 56 e 65 anos e 66 a 75 anos. Na comunidade há quatro sujeitos que possuem entre 76 e 85 anos e um com mais de 86 anos. Em meio às dificuldades de permanência na terra, no sentido de garantia de uma vida digna, os camponeses relatam a resistência no campo para reprodução de sua classe.

Quando questionada quais as maiores dificuldades para a produção na terra uma camponês relata que, quando plantava,

Tudo era difícil, mas a gente tinha saúde e ia lutando. Quando precisava de uma ajudante pra trabalhar, e tivesse condições de pagar, achava. [...] Uma das dificuldades também é que a gente trabalhava e só tinha o feijão com arroz para comer, não era igual hoje que a gente come de tudo. Às vezes ia para roça nem tinha café da manhã pra tomar, só água até chegar meio-dia pra comer o feijãozinho (Isabel, 2024)¹

A camponesa relembra a luta para permanecer na terra. Pertencente a uma família grande, seus pais dependiam do que colhiam na roça para alimentar os vários filhos que possuíam dentro de casa. Relata que viviam através do que plantava na terra e dos animais criados, bem como por meio da venda dos excedentes de ambos para a compra de outros insumos não adquiridos na terra. Essa rotina faz parte do modo de vida camponês; o trabalho intenso para garantia da soberania alimentar da família.

E quando questionada sobre o que mantém na terra, mesmo com as dificuldades enfrentadas na produção, a camponesa relata que é “a persistência, a luta, a gente não pode desistir, é onde a gente tira o sustento” (Joana, 2024)². O outro reflete, “resistência. Ser resistente...” (Francisco, 2024)³.

Resistência. Palavra adotada pelos camponeses para expressar a sua rotina e reprodução no campo. Resistir às investidas do capital tem sido uma tarefa árdua aos camponeses. O capitalismo, em sua lógica contraditória, se expande, apropria de relações camponesas e as exploram e subordinam. Com isso, Martins afirma que, “se os camponeses não são expulsos da terra, isso é por causa da expansão do capitalismo, se são expulsos também é por causa da expansão do capitalismo” (Martins, 1986, p. 151). E quando falamos dessa expansão do capital, ressaltamos, com base em Harvey (2016), que ela se dá de forma desigual, onde lhe convém para o seu processo cíclico de produção, circulação e lucro, o que provoca destruição e culmina no desenvolvimento geográfico desigual.

Ainda que imerso nessa sociedade capitalista, em que a forma de produção, por vezes, se funde, os saberes camponeses também resistem. Não se deve generalizar que os camponeses mantêm uma relação completamente contrária à capitalista. Alguns instrumentos ou insumos, como máquina e agrotóxicos, podem fazer parte da produção camponesa. Depende de como os camponeses se organizam para conseguir meios para sobreviver nessa sociedade competitiva.

¹ Entrevista concedida em 11/02/2024 por uma camponesa residente em Curral Novo, Caturama (BA).

² Entrevista concedida em 05/02/2024 por uma camponesa residente em Curral Novo, Caturama (BA).

³ Entrevista concedida em 07/02/2024 por um camponês residente em Curral Novo, Caturama (BA).

Mas, ao mesmo tempo, as práticas camponesas reproduzem relações particulares de organização que foge à lógica capitalista.

O camponês, incluído nessa dinâmica do capitalismo, tem sua autonomia fragilizada quando não tem a posse da terra. Ao vender sua força de trabalho, é diretamente explorado por esse sistema. Por isso, o acesso à terra é o passo primordial para garantia da autonomia camponesa (Roos e Fabrini, 2012), ainda que parcialmente. Isso porque, o camponês não consegue competir com o mercado, visto que a sua produção é comercializada por um valor que não inclui o processo da sua força de trabalho depositada (Bombardi, 2013), ao contrário do capitalista que explora a força de trabalho humana e obtém o lucro na comercialização de sua mercadoria.

Quando questionado ao camponês o que mudou na sua vida depois de adquirir a terra, ele relata que: “a gente adquiriu muita coisa, foi plantando capim, é feijão... gado também, teve um tempo que eu criava, agora no momento eu vendi, o negócio apertou, pasto com essa seca. Mas, a gente adquiriu muita coisa” (Caetano, 16)⁴.

Ainda diante das dificuldades do sertão, da seca que interfere na produção agrícola e criação de animais, os camponeses de Curral Novo lutam para sua permanência no campo. E quando adquire sua terra, novas oportunidades são voltadas para a unidade familiar de produção. Com o acesso à terra, a família trabalha nela para atender suas necessidades vitais. E junto com a terra de trabalho, o camponês tem a sua autonomia para organização da produção.

O tripé terra, trabalho e família é característico dos camponeses. Ambos estão intrínsecos, isto é, em relação mútua. Woortmann (1990) pontua como essa relação faz parte da ordem moral camponesa. O camponês vê a terra como objeto de reprodução da vida, adquirida pelo trabalho, ao contrário do capitalista que a trata como terra de negócio. Na terra, o trabalho consiste, geralmente, pela força de trabalho familiar. Em momentos em que as demandas são acentuadas, também se adota parceria ou pagamento do dia de trabalho. Dessa forma, essa forte ligação entre terra, trabalho e família faz parte do modo de vida camponês.

Marques sinaliza que modo de vida camponês consiste em

[...] um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra. Trata-se de um modo de vida tradicional, constituído a partir de relações pessoais e imediatas, estruturadas em torno da família e de vínculos de solidariedade, informados pela linguagem de parentesco, tendo como unidade social básica a comunidade (Marques, 2004, p. 145).

⁴ Entrevista concedida em 07/02/2024 por um camponês residente em Curral Novo, Caturama (BA).

A produção diversificada também faz parte desse modo de vida camponês. Fialho (2018) pontua que essa prática é importante para a garantia da soberania alimentar da família, adquirida pelo próprio trabalho na terra. Assim, foge da lógica monopolista do capital que tem como finalidade o lucro. Ao camponês, a produção está vinculada ao sustento e modo de vida digno. Isso não nega a comercialização de sua produção, pelo contrário, o camponês necessita de vender seus produtos para adquirir outras mercadorias que não são adquiridas pelo seu trabalho.

Fialho (2018) complementa que

[...] a prática da produção para a sobrevivência é fator indispensável para a compreensão da forma como se organiza a produção do camponês. A produção heterogeneizada é uma forma de resistência para esses sujeitos permanecerem na terra por permitir que, em momentos de dificuldade, eles disponham de condições mínimas para a manutenção da família, uma vez que se apropriam diretamente de parte da produção (Fialho, 2018, p. 51).

A produção diversificada é uma prática adotada pelos camponeses de Curral Novo. No período da chuva, que normalmente se estende de novembro a março, o cultivo é mais acentuado, tendo em vista que nos meses que não chove impossibilita a constância de plantação. Ainda assim, alguns deles tentam cultivar hortaliças e plantas frutíferas no quintal da casa, irrigada pela caixa adquirida pelo Bahia Produtiva⁵, ou próximos de tanques⁶.

Foto 1: Plantação de feijão e melancia, Curral Novo, 2024



Fonte: Trabalho de campo, fev. de 2024

Foto 2: Plantação de hortaliças próxima ao tanque, Curral Novo, 2024



Fonte: Trabalho de campo, fev. de 2024

⁵ Essa caixa, de 20 mil litros, não é de cultivo, mas de acesso à água potável. Essa classificação está presente nas categorias do Projeto do Bahia Produtiva que abrangeu o Território de Identidade da Bacia do Paramirim. Essa caixa foi adquirida via associação comunitária dos pequenos produtores de Curral Novo, associada ao município de Macaúbas. Tanto Caturama como Macaúbas estão inseridos no TI da Bacia do Paramirim.

⁶ Expressão utilizada pelos camponeses para referir ao reservatório de água aberto da superfície ao subsolo para assegurar a água da chuva, servindo para o consumo humano, de animais e plantações, como no caso de hortaliças.

Foto 3: Laranjeira no quintal da casa de camponesa, Curral Novo, 2024



Fonte: Trabalho de campo, fev. de 2024

Foto 4: Caixa adquirida pelo projeto Bahia Produtivo, Curral Novo, 2024



Fonte: Trabalho de campo, fev. de 2024

A discussão de classe social e modo de vida é necessária para abordagem do saber camponês. Esse conhecimento está intimamente ligado às dinâmicas da natureza e dos astros, como as fases da lua (Fabrini, 2007). O camponês, ainda que não entenda cientificamente o pH do solo ideal para determinados cultivos, compreende onde cada plantação será mais vigorosa de acordo com a qualidade do solo pelo seu conhecimento empírico. Ao mesmo tempo, o camponês evita a degradação da natureza, com práticas que não são tão invasoras, como as explorações capitalistas. No entendimento de Woortmann (2004, p. 133), “o trabalho do homem implica respeito para com a terra (e a natureza em geral), esperando dela aquilo que ela pode e quer dar, isto é, os alimentos que ela é capaz de produzir”. Mas, ao mesmo tempo, não quer dizer que os camponeses não agem de maneira agressiva com a terra; pode ocorrer de forma pontual para o cultivo e as práticas agropecuárias, mas não intensiva como acontece com as explorações das grandes empresas capitalistas que atuam no campo.

Ainda que inserido na sociedade capitalista em que o uso de meios tecnológicos e insumos se intensificam, os camponeses são cautelosos, como afirmado por Woortmann (2004, p. 141). Isso não significa que “o camponês não é obtuso, impermeável à mudança. Ele é cauteloso [...], não pode colocar em jogo a reprodução social de sua família [...]”. No entanto, vale ressaltar que não é o uso de máquinas e meios tecnológicos que determinará se o sujeito é camponês ou não, mas sua lógica de produção (para garantia de uma vida digna e não para fins lucrativos), ideais políticos, sociais e cultura, enfim, seu modo de vida.

Os saberes camponeses se reproduzem ao longo do tempo e resistem às práticas modernas. O conhecimento particular desses sujeitos está intimamente ligado às dinâmicas da natureza, como afirma Moura (1988)

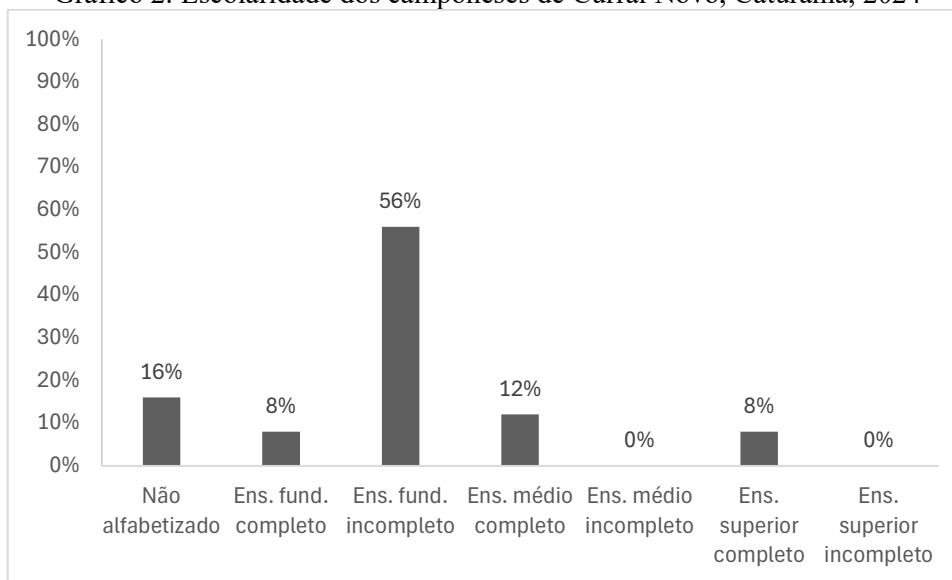
[...] o camponês é o trabalhador que se envolve mais diretamente com os segredos da natureza. A céu aberto, é um observador dos astros e dos elementos. Sabe de onde sopra o vento, quando virá a primeira chuva, que insetos podem ameaçar seus cultivos, quantas horas deverão ser dedicadas a determinada tarefa. Seu conhecimento do tempo e do espaço é profundo e já existia antes daquilo que convencionamos chamar de ciência” (Moura, 1988, p. 9).

Nesse sentido, tanto Martins (1986) como Woortmann (2004) afirmam que é necessário ouvir o camponês para interpretação da realidade concreta, apreendendo o real sentido das falas, gestos e organização dos camponeses. Esse exercício foi realizado no trabalho de campo deste estudo, no intuito de obtenção e compreensão das relações de produção e organização dos camponeses de Curral Novo.

O saber camponês não condiz com os conhecimentos adquiridos no ambiente educacional. Diz respeito à rotina da vida no campo, do trabalho na terra, do fazer e refazer diário para a reprodução da vida em luta para garantia de uma vida digna frente às contradições da sociedade capitalista que subordina esses sujeitos.

Em Curral Novo, grande parte dos camponeses não frequentavam a escola, ou melhor, a casa de ensino, que nessa época era o espaço utilizado para esse fim de acordo com os relatos dos entrevistados. O gráfico 2 apresenta essa informação, em que a maioria somente possui o grau de ensino fundamental incompleto.

Gráfico 2: Escolaridade dos camponeses de Curral Novo, Caturama, 2024



Fonte: Trabalho de campo, fev. de 2024

O gráfico aponta que 56% dos camponeses da comunidade não concluíram o ensino fundamental, ou seja, quatorze desses sujeitos não deram sequência aos estudos. Isso porque, além da dificuldade de acesso (distância, condições financeiras e disponibilidade de tempo),

desde pequenos necessitam ajudar os pais nas tarefas do campo. Nesse sentido, se expande os saberes adquiridos com o cotidiano. Outro fato relevante é que há o dobro de camponeses analfabetos, total de quatro, em relação àqueles que conseguiram concluir o ensino fundamental, duas pessoas. Aos que realizaram o ensino médio completo totalizaram três pessoas e duas obtiveram o ensino superior completo. Não houve pontuação para os níveis de ensino médio e superior incompletos.

Pela observação em campo e análise das informações, é possível destacar que os saberes camponeses são adquiridos pela troca entre sujeitos dessa mesma classe, e não no ambiente educacional e acadêmico, visto que aqueles com nível superior relatam os conhecimentos inerentes ao modo de vida e organização adquiridos pela experiência da lógica camponesa. Nesse sentido, concordamos com Oliveira (2008) quando afirma que

A escola não é o único lugar em que a educação acontece; o ensino escolar não é a única prática social que leva ao conhecimento e o professor profissional não é seu único praticante. O processo de construção do conhecimento é amplo, contemplando diferentes dimensões territoriais da sociedade: intelectual, afetiva, social e estética (Oliveira, 2008, p. 57).

Como afirmado pelos camponeses entrevistados, a sabedoria é adquirida desde pequeno, com os afazeres da unidade familiar. É como afirmado por Oliveira, “a discussão do campo enquanto um território de aprendizagens é pensar a produção, o trabalho, a reunião, a rua, o quintal, as conversas como situação compostas por princípios educativos e de formação” (Oliveira, 2008, p. 56). Ao questionar a camponesa Isabel se trabalha na terra e quando começou, ela relata que “Hoje não. Mas eu já trabalhei. Eu lembro que eu fazia comida e ajudava na roça também. Eu tinha uns 8 a 9 anos de idade. Mas aí fui pra Rio do Pires estudar, aí no final do ano que eu vinha, eu trabalhava” (Isabel, 43 anos)⁷. Percebe que o conhecimento da camponesa não foi adquirido somente através da escola, mas da convivência nas diferentes atividades no campo, tanto em casa como no trabalho na terra em que as tarefas são coletivas com os membros da família.

O camponês realiza atividade diversificada, participa de todas as etapas de produção, ao contrário da rotina que se realiza em uma fábrica, em que o operário fica responsável por uma função para agilização e monetização da atividade exercida. Como afirmado por Shanin (2008), o camponês realiza multifunções em sua rotina no campo:

Ser camponês é saber como combinar muitas ocupações como trabalhar a terra, cortar madeira, cuidar de animais, cultivar alimentos, consertar máquinas. A verdadeira característica e definição dos camponeses tem como um de seus fundamentos essa

⁷ Entrevista concedida em 11/02/2024 por uma camponesa residente em Curral Novo, Caturama (BA).

natureza especial do campesinato, que nunca é uma coisa só, é sempre uma combinação. Também não é algo que não se aprende na universidade. Só se aprende com os seus pais. Se for um menino, aprende com o seu pai, se for uma menina, aprende com a sua mãe. Como é que o camponês consegue fazer tantas coisas? Ele lembra com seu pai todos os dias e vai fazendo e aprendendo. É o mesmo para mulheres (Shanin, 2008, p. 41).

O conhecimento dos camponeses na preparação da terra, das fases da lua para plantação e colheita, da organização do trabalho familiar na terra, dentre outros costumes, representa como é o mundo camponês. Esses saberes foram relatados pelos camponeses de Curral Novo, em suas diferentes idades, o que demonstra a resistência e reprodução desse conhecimento. A unidade familiar reproduz esse saber o que, ao mesmo tempo, representa a resistência dos camponeses como classe social e modo de vida.

Considerações Finais

A história do campesinato vai além de suas lutas enfrentadas para garantia de acesso e permanência na terra. É também um arcabouço de sabedoria, costumes e cultura. É preciso resgatar e socializar esses conhecimentos para o equilíbrio natural e social entre sociedade e meio. Isso porque o objetivo de vida dos camponeses é a utilização equilibrada dos recursos provenientes da natureza para a reprodução do seu ser. Além disso, seu conhecimento deve ser respeitado e valorizado pela sociedade e pela academia, pois representa o modo de vida de uma classe que, em sua essência, mantém reproduzindo a lógica camponesa.

Como ressaltado por Conte e Souza (2013), o conhecimento camponês é visto de forma marginalizada para a rotina campo, haja vista a necessidade primordial do conhecimento científico e tecnológico como primordial para o desenvolvimento das relações capitalistas por meio da produção de *commodities* pelo agronegócio. Nesse sentido, os saberes camponeses são resistências em meio a sociedade capitalista moderna. E, assim como há a criação e recriação da classe social camponesa, há, também, a reprodução de seus saberes de vida.

Referências

BOMBARDI, Larissa Mies. O papel da geografia agrária no debate teórico sobre os conceitos de campesinato e agricultura familiar. **GEOSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 14, p. 107-117, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123836/120007>, acesso em: 10 out. 2023.

CONTE, Isaura Isabel e SOUZA, Maria Ivonete de. Saberes da vida: os camponeses fora da escola. **Roteiro**, Joaçaba, v.38, n.2, p. 413-430, 2013. ISSN 2177-6059. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/roteiro/v38n02/v38n02a10.pdf>. Acesso em: 29 mar. de 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/caturama/pesquisa/23/25207>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FABRINI, João Edmilson. A resistência camponesa para além dos movimentos sociais. **Revista Nera**, n. 11, p. 8-32, 2007. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/11/6_Fabrini_n_11.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

FIALHO, Aline Farias. **Memória e ideologia da agricultura familiar no Assentamento Cangussu - BA**. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2018. 161 f.

GERMANI, Guiomar Inez. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. **GeoTextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 115-147, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3040/2145>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **NERA**, Presidente Prudente, n. 12, p. 57-67, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i12.1399>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros (orgs.). **O campo no século XXI**. Território de vida, de luta e de construção da justiça social. 1. ed. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a Política no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. [1981].

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.

OLIVEIRA, Alexandra Maria de. Saberes camponeses e práticas pedagógicas no campo. **Mercator**, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 47-58, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/4767>. Acesso em 29 de mar. de 2024.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007 b, 184p.

ROSS, Djoni; FABRINI, João Edmilson. Assentamento Celso Furtado: da conquista da terra às formas de resistência do território camponês. **Pegada**, v. 13, n. 1 Jun., 2012. <https://doi.org/10.33026/peg.v13i1.1153>, acesso em: 14 set. 2023.

SHANIN, Teodor. Lições camponesas. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Org.). **Campesinato e territórios em disputa**. 1ª Ed. Expressão Popular São Paulo – 2008. Disponível em: <https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20OS-GRADUACAO/BERNARDO%20MANCANO%20FERNANDES/campesinato.pdf>,

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações, o velho e o novo em uma discussão marxista. *NERA*, Presidente Prudente, n. 7, p. 1-21, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i7.1456>, acesso em: 12 set. 2023.

SOUZA, Suzane Tosta. **Da negação ao "discurso" hegemônico do capital à atualidade da luta de classes. Camponeses em luta pela/na terra no Sudoeste da Bahia.** Tese (Doutorado em Geografia). Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2008.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. O saber tradicional camponês e inovações. *In*: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros. (org.). **O campo no século XXI.** Território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

WOORTMANN, Klass. **"Com parente não se neguceia"** - o campesinato como ordem moral. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990. (Anuário Antropológico, 87).

Autor 1:



Daiana Silva Marques

Graduada em Licenciatura em Geografia pela UESB, campus Vitória da Conquista (BA). Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, mobilidade e produção do espaço na relação campo e cidade e Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia - GRUPEG.

Email: daianamarques2000@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3035343084184158>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2814-4252>

5484

Autor 2:



Jaqueline Silva Portela

Graduada em Licenciatura em Geografia pela UESB, campus Vitória da Conquista (BA). Desenvolve trabalhos na área de Geografia Agrária, com destaque para o estudo da reprodução camponesa.

Email: silvaporkelajaqueline@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1355964601843357>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2941-4747>

Autor 3:



Aline Farias Fialho

Professora Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade (PPGMLS-UESB).

Email: aline.fialho@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2987925584616390>

Orcid: